

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DOCENTE NA AMENIZAÇÃO DO EGOCENTRISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eder Mariano Paiva Filho¹

Rodrigo Vieira Silva²

Sara Costa Rodrigues³

Lilian Ferreira Rodrigues Brait⁴

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo expor a experiência realizada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I, do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí. Apresentamos neste artigo a problemática encontrada durante as observações das aulas de Educação Física da escola em que estagiamos, e a tentativa de amenização do mesmo através das intervenções ocorridas durante as regências. A tarefa foi realizada com uma turma de jardim no intuito de verificar a existência do egocentrismo em crianças com idade de quatro a cinco anos, e em caso positivo, trabalhar a possível diminuição desse quadro. Ao final do trabalho pôde-se constatar que nessa idade as crianças passam por um período de certa desobediência, pois ainda não compreende que faz parte de uma sociedade, imaginando que todo o mundo gira em torno de si mesma. O fato de atingir o conhecimento sobre estas questões está relacionado à maturidade perceptiva que a criança irá adquirir no decorrer das suas próximas fases de desenvolvimento. Durante a realização do trabalho foram feitas observações das aulas de educação física ministradas pela professora responsável pela turma, nas quais eram realizadas anotações em um diário de campo, e assim foi possível detectar indícios de egocentrismo na turma, a partir dessa constatação, foi desenvolvido um projeto de pesquisa para estudar o assunto, e foram executadas sete regências de aulas pelos estagiários, as quais possibilitaram um contato mais direto com os sujeitos observados, possibilitando uma interação mais próxima com esses alunos proporcionando a visão mais íntima e clara do problema constatado nas observações, e assim, pudemos elaborar e executar atividades que buscavam a amenização desse egocentrismo presentes nos alunos da turma.

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho se justifica ao passo em que se buscou averiguar a presença de egocentrismo em crianças da educação infantil no período de realização do Estágio Curricular Supervisionado I, pois é nessa fase que a predominância do egocentrismo se acentua.

¹ Acadêmico do 7º período do curso de Educação Física (licenciatura) da UFG/CAJ - eder_facul@hotmail.com

² Acadêmico do 7º período do curso de Educação Física (licenciatura) da UFG/CAJ - buenosvieira@hotmail.com

³ Acadêmica do 7º período do curso de Educação Física (licenciatura) da UFG/CAJ - saracosta0504@hotmail.com

⁴ Docente do curso de Educação Física e orientadora do trabalho - UFG/CAJ – lilianfrbrait@gmail.com

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

O estágio desenvolvido ocorreu na Escola Estadual Instituto São José em uma turma de Jardim, onde foi realizado um período de observações das aulas de Educação Física, após o término das observações, que foram duas, começaram as regências, e neste período pudemos perceber que alguns alunos, apesar de terem entrado na escola a pouco tempo, são egocêntricos, assim, por meio de estudos bibliográficos, buscamos entender o processo de egocentrismo na Educação Infantil, assim como, buscar alternativas para amenizar a predominância desse problema durante as fases da Educação Infantil. Sendo assim, sabe-se que cabe aos professores tentar amenizar esta situação com os alunos, por meio de atividades que estimulem o trabalho em grupo.

As observações nos estágios fazem com que os acadêmicos se aproximem da escola e da turma aos poucos, permitindo assim a familiarização com a turma para se ter o início do processo de regência onde os acadêmicos planejam as suas aulas para por em prática, pensando as atividades de acordo com o conteúdo trabalhado e com a problemática encontrada, no caso apresentado foi o egocentrismo, assim o professor terá que saber se esta atividade está direcionada ao que está sendo estudado. Este primeiro contato com o estágio vem ajudar o acadêmico a passar por novas vivências que contribuem para a sua formação e possíveis tomadas de decisão em atuações futuras.

Com os estudos bibliográficos encontrados luz da temática pesquisada, foi possível constatar que os conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física devem priorizar as atividades em grupos, sendo assim, nas regências foram trabalhadas atividades em grupos e individuais, desenvolvendo conteúdos de jogos rítmicos, simbólicos e dança, buscando assim trabalhar a amenização do egocentrismo por meio de atividades lúdicas, proporcionando a diminuição do mesmo nos alunos.

De acordo com Garakis (1998), egocentrismo não significa egoísmo por indicar uma conotação afetiva; ego (eu) centrismo (centro) demonstra que a referência primitiva do ser humano, na elaboração do conhecimento de si e do mundo, é ele próprio; tal subjetivismo, evidentemente, deturpa o conhecimento, pois resulta de uma perspectiva unilateral. Inicialmente, quando bebê, o indivíduo não se distingue do meio externo e o processo de diferenciação vai ocorrendo, gradativamente, concomitante ao conhecimento de si próprio e dos outros objetos e pessoas.

A essa centração da criança nela mesma, Piaget (1993) explica que esse comportamento é normal e não significando uma hipertrofia da consciência do eu, mas simplesmente uma incapacidade momentânea da criança descentrar-se, isto é, colocar-se em outro ponto de vista a não ser o próprio. Como sugere Freire (1997), é plenamente admissível

que essa centração permaneça durante algum tempo, o que não se deseja é que essa auto-centração estenda-se por longo tempo, atravessando a adolescência e a idade adulta, dificultando assim, a interação e demais relações humanas com os demais membros da sociedade em que se vive. Fortalecendo a idéia de Oliveira e Faria (1987), onde esclarecem que, desde o início da vida, até mais ou menos seis, sete anos, a criança é egocêntrica, por inúmeras razões: biológica, afetiva, social, cognitiva, entre outros fatores. O ponto de vista que prevalece é o seu próprio. Seu corpo é o centro de tudo. Um centro não compreendido. Não são razões biológicas que impedem a descentralização do indivíduo na maioria dos casos, mas, certamente, razões de ordem cultural e social, política, econômica e educacional. Cabe aqui ressaltar a importância da atuação do professor de Educação Física no processo de amenização do egocentrismo, uma vez que, é o professor que saberá como e quais atividades trabalhar para a transição dessa fase impedindo que a mesma não avance para as fases escolares subsequentes da Educação Infantil.

A Educação Física tem ferramentas para trabalhar a afetividade e o controle do egocentrismo no âmbito escolar, por meio dos jogos e brincadeiras. Huizinga (1971), define jogo como,

uma atividade de preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá, trata-se de um exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo, para o autor o jogo é uma forma de manipulação da realidade. (p.16)

Já para Mello (1989), o jogo pode ser definido como uma atividade ou ocupação voluntária, onde o real e a fantasia se encontram, que possui características competitivas, que ocorre em um espaço físico, e que há um desempenho intelectual diante das situações do jogo, e às vezes a sorte. Os componentes são responsáveis pela determinação dos resultados.

Assim, como se pode verificar por meio dos estudos bibliográficos e análise das observações e regências, cabe ao professor de Educação Física intervir no processo de transição da fase egocêntrica buscando a amenização no período adequando evitando a transcendência para a fase jovem ou adulta, assim, o mesmo deve trabalhar com atividades lúdicas, jogos e brincadeiras, em grupo e individuais, porém com predominância na coletividade, ajudando as crianças a controlarem o seu individualismo, por isso a presente pesquisa torna-se relevante, uma vez que contribuirá para um melhor entendimento do egocentrismo presente em crianças da Educação Infantil e possíveis intermediações.

OBJETIVOS

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Objetivo Geral

- Verificar a existência do egocentrismo em crianças da Educação Infantil na Escola Estadual Instituto São José.

Objetivos Específicos

- Compreender o que é o egocentrismo;
- Trabalhar o egocentrismo por meio de atividades lúdicas em grupos e individuais;
- Proporcionar atividades para tentar amenizar o egocentrismo dos alunos caso exista;
- Realizar atividades em que envolvam crianças de sexo diferente e de mesmo sexo em atividades de grupo;

METODOLOGIA

Este trabalho surgiu após as duas observações das aulas de Educação Física na Escola em que se realizou o estágio, Instituto São José, no jardim II, quando verificamos que os alunos eram egocêntricos.

Ao total, foram realizadas duas observações e oito regências, e durante esse período, foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito da temática pesquisada para a construção do relatório final.

Segundo Gil (2002), uma pesquisa, quanto aos seus procedimentos técnicos, pode ser classificada em: pesquisa bibliográfica, documental, experimental, levantamento, estudo de campo, estudo de caso e pesquisa-ação. Realizamos uma pesquisa bibliográfica por ser desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos a fim de se coletar informações e pressupostos teóricos que pudesse nos dar sustentação a respeito do tema.

Utilizamos o método da pesquisa ação de cunho qualitativo, pois

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as decisões dos fenômenos estão impregnadas dos significativos que o ambiente lhes outorga, e como aquelas é produto de uma visão subjetiva, rejeitada toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto (TRIVIÑOS, 1987, p. 128).

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A pesquisa ação é uma pesquisa mais planejada e formal, permitindo a obtenção de uma problemática antes do desenvolvimento da pesquisa, porém, outras questões podem surgir ao longo da mesma. Segundo Thiollent (2002), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Pela pesquisa ser do tipo pesquisa-ação, houve intervenções no que diz respeito à temática, sendo desenvolvidas atividades que proporcionassem a diminuição do egocentrismo, as quais, a maioria foram desenvolvidas coletivamente, o que faz com que seja trabalhado a socialização e afeto entre as crianças. Assim foi realizada durante as regências, a coleta necessária das informações a respeito das atividades realizadas com as crianças do Jardim II.

DISCUSSÃO

O egocentrismo inicial é um aspecto de uma indiferenciação, isto é, sem consciência pessoal (PIAGET, 1987); essa indiferenciação deve ser entendida no seu duplo sentido: de um lado, entre o "eu" e a realidade exterior e, de outro, entre o ponto de vista próprio e outros pontos de vista. A consciência do "eu", a reflexão sobre si mesmo surge a partir da distinção entre a própria perspectiva e a dos outros e de uma coordenação crescente entre essas perspectivas. Distinguir e coordenar perspectivas são duas atividades mentais que engendram o processo de descentração.

Contudo, algumas críticas são feitas à Piaget por outros autores da área, e ao comentar as críticas que lhe são endereçadas, PIAGET (1987, p. 50) afirma que os monólogos da criança na presença do adulto - sua mãe, por exemplo - constitui "uma relação social", onde "falar a si mesmo ou a sua mãe é a mesma coisa", pois "essa atividade está banhada em uma atmosfera de comunhão, de sintonização (...) e essa atmosfera exclui toda consciência de egocentrismo". O que caracteriza, portanto, a atitude egocêntrica é a "indiferenciação entre outrem e si mesmo", e não uma falta de sociabilidade no sentido corrente do termo.

Na escola onde o estágio foi realizado, foi notório, nas aulas de educação física, que grande parte da turma, jardim II, mostrava grandes características de egocentrismo, o que, de fato, confirma os apontamentos de autores da área ao dizerem que o egocentrismo encontra-se presente em crianças de até 6 ou 7 anos, assim, o jardim II enquadra-se nesse

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

apontamento. Com o trabalho de um professor de educação física, consciente e conhecedor do egocentrismo, há a possibilidade de se realizar a transição da fase egocêntrica e não deixar que os alunos carreguem esta predominância até as séries subsequentes.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em dezembro de 1996 (Lei nº 9394), a educação infantil – passa a ser compreendida como o atendimento institucional educacional às crianças de zero a seis anos de idade em creches e pré-escolas – sendo considerada a primeira etapa da Educação Básica no Brasil (OLIVEIRA, 2003).

Segundo Ayoub (2001), como primeira experiência educacional fora do ambiente familiar, a educação infantil carrega a pesada responsabilidade de transição dos cuidados educacionais da família para a escola. Talvez por esse motivo – e pela presença majoritária de mulheres atuando nesse nível de ensino – construiu-se em volta do profissional atuante nessa área um estigma de “professora-mãe”, como se devesse atuar como substituta materna, criando-se um mito de que, para ser profissional da educação infantil, seria necessário ser mulher e gostar de crianças. Assim, os profissionais da área não atuam totalmente como as famílias ou as crianças esperam, e isso pode vir a acarretar o desenvolvimento do egocentrismo, uma vez que, são diversos os fatores que levam a criança a adquiri-lo. Porém, na escola observada, não foi possível perceber os motivos que levam as crianças a adquirirem o egocentrismo.

O educador deve primar pela construção de um projeto de educação infantil que considere as especificidades educacionais da criança, com a esperança de que isso culmine numa aprendizagem significativa e uma possível amenização do egocentrismo.

A sociedade atual é caracterizada por uma concepção de infância de certa forma abstrata, mais associada como etapa ou período preparatório para a vida adulta do que para as condições objetivas da vida, mais associada a um vir a ser do que um sendo agora (KRAMER, 1995). Isso pode vir a trazer implicações no que diz respeito ao egocentrismo, uma vez que, o mesmo não será priorizado de certa forma, esquecido, ou deixado de lado por não ser considerado por muitos professores como fator culminante na vida futura das crianças. Isso foi possível perceber nas observações das aulas de educação física da escola a qual foi realizado o estágio supervisionado, onde não se priorizava a amenização do egocentrismo. A própria produção acadêmica, em sua maioria, traz um conceito de infância com conotação de preparação para algo, como se a infância constituísse apenas uma fase que precede a vida adulta, um período de ingenuidade, inocência, que precisa ser moldada, educada para a vida adulta (OLIVEIRA, 2003). Assim, cabe ao profissional encarar o egocentrismo não como

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

uma simples fase da criança que antecede a fase adulta, mas sim como uma fase que poderá vir a influenciar nas decisões e atitudes futuras da criança.

Compreender a transformação conceitual histórica, assim como as atuais conceituações acerca de infância e criança, é fundamental para a compreensão das recentes transformações na educação infantil. Para Freire (1991), a educação infantil (em sua denominação, primeira infância) não pode se assimilar ao adestramento de animais irracionais que vivem em zoológicos e circos, pois a criança deve ser educada e não adestrada. “O que a escola deve buscar não é que a criança aprenda esta ou aquela habilidade para saltar ou para escrever, mas que, através dela, possa se desenvolver plenamente” (FREIRE, 1991, p. 76). Este autor trabalha com uma concepção de criança muito próxima dos pressupostos piagetianos, pautada pelo conceito de criança como um ser egocêntrico (PIAGET, 1990), centrada em si mesma, sujeito que vai, a partir das relações com o meio, porém de maneira individualizada, construindo significados que culminarão em seu processo de socialização, ou seja, “[...] passará de um estado em que se coloca como centro de todas as coisas para um estado onde não é mais centro, e sim um organismo relacionando com outros” (FREIRE, 1991, p. 34).

Contrapondo-se a essa visão, diversos autores trabalham com concepções mais próximas da abordagem histórico-social baseada, principalmente, nos estudos de Wallon, que defendem que a criança é, desde seu nascimento, um ser social. Ao nascer, a criança não se distingue do outro, o que ocorrerá a partir dos modelos sociais que a cercam é o processo de aprendizagem pelo qual a criança constrói sua identidade e, ao relacionar-se com o outro, avalia e modifica esses modelos (WALLON, 1980).

Para Brasil (1998), as crianças sentem e pensam o mundo de maneira muito peculiar, pois possuem uma natureza singular, que se evidencia no momento em que interagem com o meio e com as pessoas em sua volta num esforço poético para compreender o mundo, utilizando as mais diferentes linguagens para se comunicar, para não só entender, mas criar e recriar os significados que compõem sua realidade. Esse processo é a mais significativa manifestação para a construção do conhecimento na infância. Talvez o maior desafio da educação infantil e dos profissionais atuantes na área constitua-se em compreender essa singularidade da criança, esse jeito peculiar de ser e estar no mundo, o reconhecimento de que, apesar de constituir-se como ser completa e indivisível precisa de uma educação que considere suas necessidades específicas, enfocando, neste contexto, o egocentrismo.

Compreender o fato de que a criança precisa de atenção especial, pela sua natureza singular, não significa que seja carente, frágil, dependente, passiva. Entender que a

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

criança não precisa de uma educação que ensine a passividade e a dependência na ajuda dos adultos, mas práticas que lhe possibilite a independência progressiva e oportunidades para que aprenda a cuidar de si, do outro e de seu ambiente. Considerar, enfim, que as crianças são diferentes entre si, o que “[...] implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias” (BRASIL, 1998, p.32), aliás, como deveria acontecer não somente na educação infantil, mas em todo processo educativo.

Para Piaget (1993) a escola enquanto uma instituição social inserida num contexto histórico-cultural que influencia e é influenciada por esse contexto em relações de interação, é um lugar onde acontece uma intervenção pedagógica intencional que desencadeia processos de ensino e de aprendizagem entre os sujeitos que se encontram em interação. Assim, a função pedagógica tem por finalidade proporcionar estímulos auxiliares e ajudas externas às crianças durante a educação infantil, corroborando uma aquisição que não se dá naturalmente e sim processual com a intervenção do professor. Embora acreditemos na necessidade de proporcionar esses estímulos auxiliares ao desenvolvimento, bem como medir e intervir nesse processo, quando falamos na educação infantil esse aspecto merece ser ressaltado, uma vez que partimos da compreensão de que esse nível de ensino deve ser um espaço socioeducativo onde é fundamental permitir que a criança tenha acesso a elementos da cultura universal e da natureza, a trocas de experiências com outras crianças e à mediação do professor, para que dessa maneira possa construir e elaborar hipóteses para a compreensão e intervenção no mundo, desfrutando, assim, de um processo de desenvolvimento e aprendizagem mais rico e significativo. No entanto, esse processo de mediação e de intervenção não é nada simples, especialmente se nos referirmos à educação infantil, pois temos que identificar as construções simbólicas que as crianças têm nesse momento e que irão dar suporte para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Para Freire (1991), nesse contexto, o professor é o sujeito responsável por interferir no processo de aprendizagem do aluno, como um mediador entre o aluno e os objetos/mundo, estimulando e adiantando avanços no desenvolvimento da criança, ou seja, a partir do conhecimento que o aluno tem e das ferramentas de que dispõe para a realização da atividade, o professor poderá ajudá-lo a alcançar um nível de desenvolvimento desejável, assim como se torna, o professor, um elemento fundamental na fase egocêntrica da criança, buscando amenizar essa fase para que a mesma não se desenvolva prejudicando a criança em sua vida futura;

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Oliveira e Faria (1987) esclarecem que desde o início da vida, até mais ou menos seis, sete anos, a criança é egocêntrica, por inúmeras razões: biológica, afetiva, social, cognitiva, entre outros fatores coadjuvantes. O ponto de vista que prevalece é o seu próprio, seu corpo é o centro de tudo, um centro não compreendido. Suas percepções e explicações refletem apenas em um ponto de vista, o seu. Não são razões biológicas que impedem a descentralização do indivíduo na maioria dos casos, mas, certamente, razões de ordem cultural e social, política e econômica. Sabe-se que o egocentrismo está presente nas crianças das séries iniciais, pois este começa a se manifestar a partir dos dois anos de idade e muito influenciado por suas próprias vontades e desejos e se encerra cronologicamente em torno dos 7 anos de idade.

No egocentrismo, como sugere Freire (1997), é plenamente admissível que essa centração permaneça durante algum tempo, o que não se deseja é que essa auto-centração estenda-se por longo tempo, atravessando a adolescência e a idade adulta.

Piaget (1978) faz uma relação da argumentação oral, a fala, da criança com a possível presença do egocentrismo na mesma, sendo assim, o autor definiu dois modos de organização da fala: o *egocêntrico e o socializado*. Neste, a criança tenta estabelecer contato com o seu interlocutor. Naquele, a criança fala para si própria, sem levar em consideração o outro a quem se dirige. Com o passar do tempo, a fala egocêntrica desaparece transformando-se em fala socializada. Piaget acredita que, entre o pensamento do bebê, não voltado para a realidade, e o do adulto, há uma ponte transitória. O egocentrismo infantil seria o elo entre o pensamento que se move apenas na esfera do desejado e o que procura se adaptar à realidade. Segundo o mesmo autor, quanto menor for a criança, maior será o egocentrismo, pois o seu pensamento estará mais voltado para a satisfação de suas necessidades.

“É claro que, do ponto de vista genético, deve-se partir da atividade da criança para compreender o seu pensamento; e essa atividade é indiscutivelmente egocêntrica e egotista. O instinto social, em sua forma mais definida, só se desenvolve mais tarde. O primeiro período crítico a esse respeito ocorre por volta dos sete ou oito anos de idade. (Piaget, 1978:176)”

De acordo com Garakis (1998), egocentrismo não significa egoísmo por indicar uma conotação afetiva; ego (eu) centrismo (centro) demonstra que a referência primitiva do ser humano, na elaboração do conhecimento de si e do mundo, é ele próprio; tal subjetivismo, evidentemente, deturpa o conhecimento, pois resulta de uma perspectiva unilateral. Inicialmente, quando bebê, o indivíduo não se distingue do meio externo e o processo de diferenciação vai ocorrendo, gradativamente, concomitante ao conhecimento de si próprio e

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

dos outros objetos e pessoas. Bueno (2001) define egocentrismo, como a propensão que uma pessoa demonstra para referir tudo a si próprio.

A essa centração da criança nela mesma, Piaget (1993) explica que esse comportamento é normal não significando uma hipertrofia da consciência do eu, mas simplesmente uma incapacidade momentânea da criança descentrar-se, isto é, colocar-se em outro ponto de vista a não ser o próprio. Como sugere Freire (1997), é plenamente admissível que essa centração permaneça durante algum tempo, o que não se deseja é que essa auto-centração estenda-se por longo tempo, atravessando a adolescência e a idade adulta.

A Educação Física tem ferramentas para trabalhar a afetividade e o controle do egocentrismo no âmbito escolar, por meio do jogo. Jogo para Ferreira (2003) é uma atividade física e/ou mental que favorece a socialização, e é realizado obedecendo a um sistema de regras, visando um determinado objetivo.

Como a idéia é trabalhar um tipo de jogo que auxilie o processo de transição do egocentrismo infantil, Mello (1998) comenta que para esse estágio de desenvolvimento infantil é solicitado certo nível de socialização e descentralização da criança. Embasados nas teorias piagetianas na qual comenta que nessa faixa de desenvolvimento, geralmente no ensino fundamental, aparece o jogo de regras. De acordo com Piaget (1975), este estágio que se inicia em torno dos sete anos como jogos que apresentam regras precisamente para um equilíbrio sutil entre a assimilação do eu e a vida social. Inicia-se aqui a socialização infantil, simultaneamente fonte e produto da atividade infantil. Começa o período de relações estreitas e convergentes a estabelecer entre o jogo e a instituição escolar. O jogo socializado, ou coletivo, marca o nascimento do jogo pedagogicamente explorável.

Portanto, devemos aplicar atividades escolares com tendência cooperativas. Do ponto de vista das relações interindividuais, a criança da segunda fase do ensino fundamental, acima dos sete anos, torna-se capaz de cooperar porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros, dissociando-os mesmo para coordená-los. Isso é visível na linguagem entre crianças. Cabe aqui uma discussão a respeito da cooperação entre crianças do jardim e segunda fase do ensino fundamental, pois na fase do jardim, as crianças, como se sabe, raramente são capazes de cooperar, pois as mesmas quase sempre se fundamentam no próprio ponto de vista se autocentralizando, dificultando a amenização do egocentrismo. As discussões tornam-se possíveis porque comportam compreensão e respeito aos pontos de vista do adversário e procuram justificação de provas para a afirmação própria. Fomentando a idéia, Freire (2005) comenta que o processo de socialização é lento e penoso, porque é um processo constante de renúncia, difícil de ser administrado, durante a nossa humanização, se há um

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

aspecto pouco desenvolvido, é o da socialização. Durante o estágio, nas regências, utilizamos a face utilitária do jogo com objetivo educacional de gerar atitudes cooperativas selecionando jogos predominantemente cooperativos.

Se os jogos cooperativos colaboram no processo de transição do egocentrismo infantil, o mesmo deve ser priorizado nas aulas de educação física, trabalhando atividades que desenvolvam junto com a cooperação e a socialização superando desafios.

Segundo Soler (2003), jogos cooperativos são jogos em que os participantes jogam uns com os outros, em vez de uns contra os outros, joga-se para superar desafios. Corroborando com a idéia, Brotto (1993) comenta que os jogos cooperativos são divertidos para todos, onde todos participam e ninguém é rejeitado ou excluído. Já para Amaral (2004), os jogos cooperativos são atividades que requerem um trabalho em equipe com o objetivo de alcançar metas mutuamente aceitáveis.

Assim, fica evidente que as atividades lúdicas cooperativas trazem mudanças nos valores sociais dos alunos na fase de transição do egocentrismo infantil dentro do contexto escolar. Com isso, é perceptível que a dimensão cooperativa mostra-se eficiente no processo de aprimoramento dos relacionamentos interpessoais, apontando para a necessidade de criação de modelos cooperativos que possam potencializar tais valores e atitudes dentro do âmbito escolar, capazes de aprimorar na sociedade uma ética pautada na solidariedade e não no egocentrismo.

RESULTADOS

Foram realizadas duas observações e posteriormente a estas observações iniciaram-se as regências pelas quais, tanto os objetivos quanto os conteúdos das aulas foram planejados de acordo com os objetivos do projeto de estágio, que foi verificar a existência do egocentrismo em crianças da Educação Infantil na escola onde realizamos o estágio, sendo propostas atividades individuais e em grupos, jogos simbólicos, rítmicos e dança, como meio de trabalhar a diminuição do egocentrismo. A metodologia foi elaborada de acordo com a idade dos alunos, assim como as dificuldades observadas nas semi-regências. Os alunos foram avaliados de acordo com a participação nas aulas e pelas observações referente a superação de dificuldades encontradas pelos alunos em algum conteúdo, além de ter sido observada a relação entre alunos. Todo o trabalho realizado pôde contribuir de forma significativa para o conhecimento adquirido ao longo do semestre, pudemos vivenciar as situações que estudamos em teoria. Algumas dificuldades foram encontradas como o controle da turma nas primeiras

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

aulas ministradas, o tempo das aulas que era curto e muitas vezes o conteúdo elaborado, que não era totalmente aplicado.

Na fase em que a criança inicia sua vida escolar, ela, até então, não conviveu o suficiente em grupo com crianças da mesma idade, com isso, pode surgir o egocentrismo, e se não trabalhado/evitado, pode vir a interferir em sua vida social e afetiva quando mais velho. Assim, buscamos investigar a existência do egocentrismo em crianças da educação infantil.

O desenvolvimento social e afetivo é um fator de extrema importância em todos os segmentos da vida. Principalmente no que tange à vida da criança e seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Sabemos que o egocentrismo infantil está presente nas crianças da Educação Infantil, pois este começa a se manifestar a partir dos dois anos de idade e muito influenciado por suas próprias vontades e desejos e se encerra cronologicamente em torno dos sete anos de idade. Suas percepções e explicações refletem apenas em um ponto de vista, o seu. Bueno (2001) define egocentrismo, como a propensão que uma pessoa demonstra para referir tudo a si próprio.

Segundo Freire (1997), o egocentrismo é característico da criança do Ensino Fundamental I, esse egocentrismo pode ser controlado se o espaço da escola e de sua casa não comprometê-la.

A forma na qual a escola é apresentada para a criança é uma mudança muito grande em seu cotidiano, pois ela sai de um espaço mais recreativo, na maioria das vezes individual tendo no máximo contato com irmãos ou poucas crianças com a mesma faixa etária, uma fase de fantasias, e quase tudo em sua própria casa. E entra em um espaço que, segundo Alves (1988), só faz moldar o aluno, transformando homogêneo ou igual aos outros. E esse espaço escolar, segundo Soler (2002), impede o movimento, a alegria e descontração, fazendo crer que pessoas imóveis aprendem melhor. Esta idéia também é defendida por Catunda (2005), ao comentar que para a escola é bem mais fácil lidar com os corpos presos em suas carteiras, em vez de corpos livres, que foge do controle. E segundo esse mesmo autor o controle é o exercício mais praticado pela escola. Pois não pode correr, falar alto, conversar em sala, brincar, enfim desfazer a ordem estabelecida.

Neste trabalho, foi realizada uma breve descrição da escola e dos espaços físicos, assim como a relação da educação física com a escola e como ela é tratada pela mesma.

Durante as observações realizadas, pode-se perceber que o egocentrismo está presente em alguns alunos do jardim, turma na qual foi feito o estágio, com isso, foram pensadas e preparadas atividades para diminuir o egocentrismo.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Após as regências realizadas, notou-se que houve uma melhora no que se refere ao egocentrismo, assim, nas regências, foram trabalhadas atividades pensadas nos alunos para que deixassem de ser egocêntricos, com atividades em grupos para que pudessem se socializar mais uns com os outros. Muitas crianças quando entram na escola, na maioria das vezes, não possuem irmão e são acostumadas a não dividir o que é seu, isso prejudica muito mais, pois a criança já tem um pensamento de que tudo que é dela é somente dela, no entanto ao chegar à escola muitos deles passam a conviver com crianças de mesma idade onde o egocentrismo possa predominar, com isso os professores contribuí para que os alunos deixem de ser egocêntricos, trabalhando esse egocentrismo através das aulas de educação física com atividades em grupo, principalmente, assim, deixando mais socializados uns com os outros.

Além do egocentrismo, pode-se perceber a separação de gênero na turma, sendo essa separação feita pela própria professora, isso pode vir a influenciar na vida futura das crianças.

Com isso, o Estágio Supervisionado apresenta um caráter de novas colaborações para as vivências enquanto acadêmicos, sendo que uma das experiências foi trabalhar com um aluno que possui necessidades especiais, além do que, era necessário cumprir o roteiro de conteúdos que envolviam atividades específicas para aquele bimestre, aguçando características como responsabilidade, planejamento, entre outros. Assim, o Estágio Supervisionado vem a contribuir na formação profissional do acadêmico de educação física.

Na escola estagiada há apenas uma professora de educação física, que ministra aula do Jardim II ao 3º ano, pois, é contratada pelo município, formada em Educação Física Licenciatura e cursando pós- graduação em Avaliação e Prescrição de Atividades Física para Grupos Especiais. Contudo, foi perceptível a falta de preparo da mesma para os tratos da educação infantil no que diz respeito ao egocentrismo em tal fase da educação escolar.

Por meio das observações foi visivelmente notado que a professora de educação física não possui conhecimento a respeito de egocentrismo suficiente para a possível transição/amenização desta fase para que a mesma não seja estendida para a adolescência e vida adulta, não sendo trabalhadas atividades específicas para o egocentrismo na educação infantil, sendo somente atividades de jogos e brincadeiras planejadas sem a conscientização do egocentrismo presente nas crianças para quem as aulas eram ministradas.

No que diz respeito a este planejamento da Educação Física – anual, semestral, por aulas, o mesmo acontece anualmente. Ele ocorre fazendo todo um planejamento analisando a garantia de que todos os alunos tenham o conhecimento da cultura corporal de movimento para que possam posicionar-se de maneira crítica, responsável e transformadora na sociedade. Porém, como dito anteriormente, não consta no planejamento, aos olhos dos

estagiários, dados específicos do egocentrismo infantil, sendo tais dados os planejamentos das aulas da educação infantil priorizando a amenização do egocentrismo em tal fase, pois sabe-se que tal fase deve ser tratada com mais especificidade para que os problemas ou fatores próprios da idade não dificulte as decisões da vida futura da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

AMARAL, Jader Denicol. **Jogos cooperativos**. São Paulo: Phorte, 2004.

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**. p.53-60, 2001. Suplemento 4.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: cne/ceb, 1999.

BROTTO, Fabio O. **Jogos cooperativos: Se o importante é competir o fundamental é cooperar**. São Paulo: O autor, 1993.

BUENO, Silveira. **Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2001.

CATUNDA, Ricardo. **Brincar, criar, vivenciar na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FERREIRA, Vanja. **Educação Física, recreação, jogos e desportos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 12.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991.

GARAKIS, Solange Cescon. **Divulgando Piaget: exemplos e ilustrações sobre a epistemologia genética**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo/SP: Atlas, 2002.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Ed. USP, 1971
- MELLO, Alexandre M. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis**. São Paulo: IBRASA, 1989.
- KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- MELLO, Alexandre M. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis**. São Paulo: IBRASA, 1998.
- OLIVEIRA, V. e FARIA, A. **Fundamentos pedagógicos educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- OLIVEIRA, N. R. C. **Concepção de infância na educação física brasileira: primeiras aproximações**. 2003. 102 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar/INL, 1975 .
- PIAGET, J. **O julgamento e o raciocínio em crianças**. Neuchâtel e Paris: Delachaux & Niestlé, 1978.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SOLER, Reinaldo. **Jogos cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo/SP: Cortez, 2002.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo/SP: Atlas, 1987.
- WALLON, h. **Psicologia e educação infantil**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1980.